



SERVIÇO PROFESSORAS(ES)

POLÍTICAS DE CURRÍCULO, QUALIFICAÇÃO DA FORMAÇÃO E TRABALHO DOCENTE

EIXO 06 – Currículo, Formação, Diversidade e Diferença

VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES LGBTQIAPN+ NA LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO: DESAFIOS, RESISTÊNCIA E FORMAÇÃO

NASCIMENTO, Moisés Santos. IFBA
moisesbcp@gmail.com

ROCHA, Gustavo Teles. IFBA
201815360016@ifba.edu.br

As narrativas autobiográficas vêm ganhando maior visibilidade no campo educacional, dando ênfase à subjetividade do professor e evocando o que Tardif (2002) vai chamar de saberes da experiência. Dessa forma, sabemos que o professor começa a ser formado não no momento em que adentra a graduação, mas nas experiências que, ao longo de sua trajetória, vão (trans)formando o ser e, assim, demarcando um espaço identitário impossível de desvincular do fazer pedagógico. É evidente, então, que nossas formações são plurais, por estarmos inseridos em diferentes grupos sociais. Nesse sentido, é esperado que, em um curso de formação de professores, haja discussões que se alinhem com a diversidade de gênero e outros temas político-sociais que permeiam a educação. Assim sendo, o objetivo deste texto é refletir sobre a nossa trajetória formativa e como nossas vivências vão impactar a prática docente. Para isso, vamos analisar nossas práticas no Programa de Residência Pedagógica (PRP), realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFBA) – campus Valença. Neste texto, temos duas visões de mundo que partem de diferentes realidades. Primeiro, temos um professor negro, gay, oriundo da periferia, que, durante a graduação, precisou realizar migração pendular e agora retorna ao instituto como professor substituto e preceptor no PRP. Em contrapartida, temos o residente, um jovem branco, gay *queer*, estudante trabalhador, periférico e que reside próximo ao instituto onde estuda. Ambos cursamos a mesma graduação: licenciatura em computação, e vivenciamos as estruturas de poder que permeiam a graduação em diferentes temporalidades. Se, por um lado, o primeiro precisou lidar, em diversos momentos da formação, com a interseção entre racismo e homofobia, além das dificuldades relacionadas ao *status* econômico e ao movimento migratório pendular — já que residia cerca de 40 km do instituto, era comum perder a primeira e a última aula, o que acabou dificultando o rendimento em algumas disciplinas —, por outro lado, o residente enfrentou dificuldades impulsionadas por questões da orientação sexual e classe social ao ter que trabalhar e estudar. Cardoso e Sampaio (1994) já alertavam que o estudante trabalhador acaba por reduzir ou prejudicar seu envolvimento com o meio acadêmico. No entanto, na contramão do que dizem as autoras, o estudante em questão buscou vivenciar a graduação em uma tentativa de transgredir o *status quo*, participando de movimentos estudantis, comissões e programas de bolsa estudantil como o PIBID e o PRP, e para isso criou



SERΨÃO PROFESSORAS(ES)

POLÍTICAS DE CURRÍCULO, QUALIFICAÇÃO DA FORMAÇÃO E TRABALHO DOCENTE

estratégias de compensação no trabalho para que pudesse conciliar com o meio acadêmico. Comum a ambos estão as interseccionalidades que nos formam. Segundo Collins e Bilge (2021), o termo se refere às diversas categorias que se entrelaçam na constituição do ser. Assim sendo, as diversas formas de transgressão, como a “ousadia” em redigir um Trabalho de Conclusão de Curso abordando a forma como o candomblé lida com a transmissão do conhecimento religioso através do uso da tecnologia — apesar de ouvirmos de professores da área técnica que a pesquisa não traria relevância para o curso — ou ainda a coragem para enfrentar os olhares ao se afirmar e utilizar em seu corpo território elementos da cultura *gay queer* — como a história e o ativismo LGBTQIA+, linguagens e terminologias que expressam a diversidade e podem diferir das normas tradicionais, a ênfase na aceitação e celebração da diversidade e a rejeição das normas cisheteronormativas — nos formaram e nos fizeram encontrar durante o PRP. Essas vivências nos levaram a começar o programa discutindo educação antirracista e diversidade em sala de aula, buscando trabalhar e propor atividades que se relacionem com a pedagogia decolonial, discutindo temas transversais dentro das aulas de informática. Para exemplificar, em uma das aulas de informática, a atividade proposta buscou encontrar as contribuições africanas na história e desenvolvimento da informática; já em outra turma, a atividade proposta teve por objetivo analisar a contribuição das mulheres negras no campo da tecnologia. Em outra prática com os estudantes, os incitamos a refletir sobre como a tecnologia influencia a vida de pessoas diversas. Tais práticas surgem da necessidade de modificar a realidade que vivenciamos durante a formação, tendo em vista que esta ocorre desde antes de entrarmos na graduação. Fomos nos formando antes, ao frequentar o ensino fundamental e médio, ao sobreviver às práticas de racismo, homofobia e discriminação, e assim criando estratégias de transgressão que reverberam em nosso fazer pedagógico.

Palavras-Chave: trajetórias; interseccionalidades; diversidade; formação de professores.

Referências

CARDOSO, Ruth CL; SAMPAIO, Helena. Estudantes universitários e o trabalho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, n. 9, p. 30-50, 1994.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Editora Vozes Limitada, 2012.